

1978
1998

PS
ACÇÃO[®]
SOCIALISTA

20
ANOS

1000 EDIÇÕES

Amílcar Augusto



Vinte anos, mil edições

Sentado, frente ao meu computador, reflito sobre o que terão sido os 20 anos de existência do nosso jornal. Anos de luta e de esforço, por certo, para teimosamente fazer vingar os ideais socialistas.

Como um farol guiando os seus leitores, o «Acção Socialista» tem dado a conhecer eventos e efemérides, estimulado o debate e clarificado as grandes decisões que têm marcado a vida do nosso partido. Tem feito ouvir vozes, as de todos os que neste espaço, nas suas já longas mil edições, têm querido manifestar-se, divulgando os seus ideais e opiniões e transmitindo as suas experiências.

O «Acção Socialista», como órgão de comunicação oficial do Partido Socialista, tem sem dúvida uma importância inegável e inquestionável. A sua leitura deveria tornar-se indispensável à família socialista como meio de comunicação privilegiado onde todos os que perfilham as mesmas ideias e ideais as poderiam dar a conhecer e se dar a conhecer. Assim existisse para tal engen-

ho e arte. Faz vinte anos e atinge a milésima edição, está de parabéns. Que dure sempre e que eu consiga lê-lo e colaborar para ele, pelo menos durante outros vinte. Será pedir muito?

Não camaradas, julgo que não. O «Acção Socialista» precisa da nossa colaboração. Precisa da nossa atenção, que o compreemos, que o leiamos, que o assinemos e que quando a inspiração nos assaltar, escrevamos para ele. A minha modesta contribuição aqui vai. Parabéns «Acção Socialista», pela tua longevidade, que continues a cumprir a tua missão de bem informar, são os votos que te desejo.

Aproximam-se tempos de grandes esperanças e também de grandes lutas para manter a hegemonia do partido e tu, «Acção Socialista», terás de ser o pólo aglutinador da solidariedade necessária para ultrapassar os tempos difíceis que nos esperam. Vai em frente lançando o nosso grito. O grito de solidariedade que nos une, *razão e coração*.

António Marques Calado

Parabéns

O «Acção Socialista», Órgão Oficial do Partido Socialista, comemorou no passado mês de Novembro, o seu vigésimo aniversário. Nas suas 999 edições, o «Acção Socialista» foi, não só o Órgão Oficial do PS, mas, também, o Órgão Oficial de todo o Portugal. De facto, a divulgação do sentir e pensar de todos os socialistas e democratas do País, através da publicação, das suas reportagens, comentários e entrevistas, tem levado a todos os portugueses a mensagem do socialismo, da liberdade, solidariedade e democracia.

O «Acção Socialista», ao longo da sua existência, atento aos factos e acontecimentos políticos que decorreram no País, tem trazido a todos os portugueses e aos soci-

alistas em particular, a história política do PS, pois que os acontecimentos mais relevantes e catalisadores da transformação do Portugal fascizado de então, no Portugal socialista, progressista e livre de hoje, estão todos ligados às grandes figuras históricas do Partido Socialista, que no passado recente lutaram pela democracia no País, pela liberdade e igualdade dos cidadãos e às grandes figuras do PS de hoje que continuam a luta pelos mesmos ideais.

Está de parabéns o «Acção Socialista», não só pelo seu aniversário, mas também e mais importante, pelo seu esforço e empenho na luta pelo socialismo em Portugal. Bem-haja.



Carlos Zorrinho



Vinte anos que mudaram Portugal

Comemorar os 20 anos do «Acção Socialista» é, antes demais, comemorar 20 anos de intervenção política que marcou e protagonizou os mais decisivos momentos da afirmação de Portugal como nação livre, democrática e em rápido desenvolvimento.

Pelas páginas do «Acção Socialista» correu uma tinta feita de suor, convicção, empenho e coragem, lutando pelo pluralismo, pela integração europeia, pela consolidação económica e pela solidariedade activa.

A história de Portugal nestas duas últimas décadas terá como referência incontornável a história do PS, a sua dinâmica interna, a sua capacidade de modernização e de interpretação dos anseios dos portugueses e o seu reflexo gravado nas páginas do órgão oficial, plataforma de ligação entre os militantes e destes com a sociedade envolvente o «Acção Socialista» é também um riquíssimo repositório de protagonismos e protagonistas, que marcaram o nosso partido e o País.

Mário Soares, Vítor Constâncio, Jorge Sampaio e António Guterres ilustram épicas e batalhas em que milhares de militantes se empenharam e conduziram o PS ao papel dominante que hoje desempenha na política portuguesa.

O orgulho no passado tem de constituir o incentivo para o futuro. Acredito que o «Acção Socialista» continuará a ser um veículo de irreverência, reflexão e intervenção, essencial para que o Portugal que queremos aconteça, sob a liderança política dos socialistas.

Socialistas portugueses que são hoje um referencial de modernidade na política europeia e mundial e uma fonte de inspiração e renovação para a esquerda. Nos próximos 20 anos, o «Acção Socialista» que se prepare, porque muito de bom haverá para contar sobre Portugal e sobre a intervenção do PS no desenho dum futuro melhor.

Fiquemos para agir e depois ler no «AS» os ecos das lutas vencidas ou das derrotas inevitáveis em democracia. A guerra do desenvolvimento, da justiça e da liberdade... essa venceremos por Portugal.

Costa e Melo



Aniversário de presença

Desde sempre, designadamente desde antes do 25 de Abril, que me habituei – nessa altura só teoricamente, já se vê... – a respeitar os Partidos Políticos e a considerar os seus órgãos oficiais, na Imprensa escrita, como arautos de posições que era preciso olhar como normativos fixados para uso e prática, não só dos militantes, mas também dos aderentes ou meros simpatizantes.

Com efeito, em universos mais ou menos largos de pessoas identificados com um Programa-Declaração de princípios ideológicos, a existência de um órgão de comunicação é fundamental, qualquer coisa como um Congresso permanente que, embora sem poderes deliberativos, vá fornecendo opiniões destinadas a esclarecer posições com vista a manter viva a chama partidária que não pode contentar-se com arder nos períodos eleitorais, sempre propícios ao aparecimento de apoiantes indesejáveis com o único fim de obterem um «pagamento espúrio» através da obtenção

de favores dos eventualmente eleitos. Os chamados órgãos oficiais dos partidos são, pois e necessariamente, esse Congresso vivo e permanente, indispensável à consciencialização das massas internas partidárias e até, por inerência, à função de «montra» de atracção para sedução consciente de novos aderentes, levados a engrossar fileiras, a princípio meramente eleitorais, mas logo de seguida como acção para aqueles cidadãos que se sintam vocacionados para tarefas de militância, pelos caminhos abertos ao seu conhecimento.

Com períodos mais altos e outros mais baixos, o nosso «Acção Socialista» tem sido um válido bastião de apoio, não só daquelas ideias primeiras concentradas na *Declaração de Princípios e Programa*, bases de estrutura ideológica do Partido Socialista, mas ainda, e isso é fundamental nas democracias plurais, um campo ou terreno de esclarecimentos e até de luta por aquilo a que, vulgarmente, se chama a «Purza» desses princípios e ideias.

É que não pode olhar-se como de menos importância, essa luta – por vezes, até necessariamente interna... – que os fundadores sempre sentem necessidade de travar, em defesa da sua Dama, tal como ela lhe caiu nos braços, pela primeira vez, embora os tempos e as circunstâncias tivessem aconselhado a usar para a sua cobertura estética ou de conveniência estratégica, tecidos de natureza diferentes – por exemplo burel ou surrobeco em lugar de sedas... – ou até perfumes, mais ou menos intensos, por exemplo cravos, em lugar de jasmíns... – o que não é outra coisa se não a actualização que, nem por ser necessária, deixa de ferir a sensibilidade e a pureza dos primeiros cueiros, fraldas ou bibes.

De perdoar é pois, ao velho que sou, senciante embora do seu nenhum poder, vir lembrar coisas que foi fazendo ou por estas colunas fui deixando, na tal luta do seu sonho durante os vários anos – e foram seus... – em que assiduamente colaborou nestas colunas, com o desassombro possível que só tinha a eventual «censura» das conveniências políticas do momento.

E apraz-me até lembrar que a partir da edição de 28 de Maio de 1992, a minha colaboração passou a ser encimada pelo título, talvez agressivo mas salutarmente frontal, DE PUNHO EM RISTE.

E porque?

Porque o punho estava na casca. Na clara e na gema do ovo donde nascemos como partido e representava, nessa altura sem perspectivas de distribuição de «Bodas de

Canaam», a determinação de uma luta pela Liberdade como necessária à implantação de um Socialismo possível que com essa Liberdade fosse compatível.

E habituei-me a embalar o sonho de o conseguir, com o vermelho da luta, com o punho da determinação, embora jamais fechando as portas a rosas, cravos ou jasmíns que a tudo o que fazia parte do sonho pudessem dar o aroma refrescante duma verdade em permanente Primavera. E Abril veio a confirmá-lo, não só nas folhas do calendário mas ainda e também na rua onde já nos encontramos, prontos a ajudar essa Primavera de todos, com a consciência, a determinação e o perfume da nossa própria Primavera.

Por isso o «Acção Socialista» com seus altos e baixos de presença, não poderá, sob pena de negar-se, deixar de ser fiel às forças vitais que criaram o Partido de que é órgão e mesmo quando se sentir forçado a uma certa maleabilidade de conveniências estratégicas ou sociopolíticas, jamais deve fechar as janelas por onde os saudosos, como eu, se habituaram a ver vermelho, como cor de esperança, e o punho, como símbolo de força e determinação.

Deixem aos velhos, pelo menos, a ilusão de que o seu exemplo e os seus símbolos persistem como alimento primeiro da esperança que não perderam.

«Acção Socialista», sempre, já tem idade para continuar a ser jovem com a juventude e a força de todas as idades que lhe correm nas veias!

Francisco Borges Ferreira

O «Acção Socialista» de todos nós

«As grandes reformas serão socialistas ou não serão»

Manuel Alegre

O desempenho e a utilidade do «Acção Socialista» na actividade política do Partido ao longo dos tempos tiveram a importância que a maioria dos órgãos oficiais dos partidos acabam por revelar. Veículos das acções políticas dos partidos, normalmente com estatuto definido, têm os seus altos e baixos. Olhados de maneira simples e directa, algumas vezes estão na ribalta através de anúncios, transcrições ou entrevistas preponderantes para a vida política dos respectivos partidos e países, mas noutras ocasiões permanecem no mais profundo recolhimento. Porém, há os que, por vontade própria ou não, são autênticas, duradouras e indispensáveis referências para as diversas esferas políticas. Internacionais, com frequência. E para a esmagadora maioria dos seus militantes.

Claro que são inesquecíveis alguns momentos em que o «Acção» teve um papel e importância relevantes na vida política do nosso Partido, especialmente nos idos mais conturbados do regresso à democracia. Estou a lembrar-me particularmente de mesas-redondas e de autênticos e certos manifestos que destacados camaradas fizeram no «Acção». Mas noutra visão de intervenção do «Acção», simples também, julgo não ser de desperdiçar este momento de congratulações para pensar se o desempenho do «Acção» não poderá ser ainda mais benéfico. Até porque amanhã voltaremos inevitavelmente a falar da história política do Partido, quanto mais não seja por via das «vias».

Se é óbvio que sem militantes não há Partido, também é evidente que qualquer Partido estará organizado de forma a que os canais de comunicação entre todos os filiados sejam eficazes. No entanto, entre nós, de Norte a Sul, às ilhas e ao exterior, incluindo Macau, o desconhecimento da vida política do Partido por uma maioria significativa dos seus aderentes é um facto. Mais, mesmo onde o desconhecimento não é tão vincado e há secções actuantes, grassa muitas vezes uma baralhação enorme. E quando não há confusão e até reina

o interesse, a vida mais íntima e significativa do Partido é só conhecida através da *media*, que reagem e comentam de acordo com as mais diversas sensibilidades e conveniências, o que é salutar mas pode não ser bom se não houver esclarecimento.

Generalizar será arriscar, mas se o que tenho constatado são excepções, são muitas. De mais. O que até não será para admirar se ligarmos a situação a uma certa maneira desapaixonada (?) como hoje em dia se fazem aderentes em muitas zonas e locais de trabalho. Eu sei que os tempos são outros. Há as sondagens e o reinante «liberalismo dominante que aumenta o desemprego, a exclusão e a fractura social e abre caminho a todos os populismos, a todos os nacionalismos e a todas as xenofobias» que não se combatem facilmente. Mas dói, bolas. «Assina aqui. Pronto, já és militante do partido que vai à frente. «Mas, e...». «Não te preocupes, qualquer dia há-de saber o significado de socialismo democrático e até havermos de te dar uma cópia dos estatutos do Partido e uns panfletos. Aparece quando quiseres». E apareceu, mas havia algo que não batia certo nas reuniões da Secção. Falava-se de tudo menos do partido e muito menos de política. Tratava-se ali mais daqueles outros assuntos que fizeram com que continuasse a pagar as cotas. Para ele uma espécie de seguro extra naquele meio. Hoje nem sequer vota.

Ah é verdade. Uma vez vi um «Acção Socialista» antigo sobre a mesa dos divertimentos. Não sabia sequer que existia. Ninguém o assinava, ninguém o comprava. Folheou-o. Os títulos disseram-lhe pouco. Tentou ler uma pequena coluna sobre as intenções do governo para resolver o problema da falta de água numa terra com um nome esquisito que não sabia onde ficava. Mas não chegou a meio. Era uma prosa demasiado confusa só para dizer intenções. Também não conseguiu ler até ao fim um artigo de liberdade de expressão que mais lhe pareceu a tentativa do escritor para chamar as atenções sobre si desde a primeira linha. Liberdade de expressão? Viu as gravuras e conseguiu reconhecer um ministro, que tinha visto uma vez na «Contra-informação» e na SIC a dizer já nem se lembrava o quê.

Edmundo Pedro



Uma missão relevante

O «Acção Socialista» (Órgão Oficial do Partido Socialista) constituiu, no pós-25 de Abril, um permanente espaço de informação e debate. O PS é um partido com vocação de poder que se tornou uma referência essencial do regime democrático. Essa responsabilidade torna imperativa a existência de um órgão de informação próprio que permita aos militantes ter um acesso regular às decisões de sua direcção política, decisões sobre as quais têm todo o direito de se pronunciar – o mesmo acontecendo, aliás, no que concerne à acção do Governo quando este seja da responsabilidade do nosso partido.

A condição *sine qua non* para que esse espaço de informação e debate sirva o reforço do Partido Socialista em todos os planos (políticos, organizativos e ideológicos) implica, naturalmente, que ele seja um espaço aberto e plural que fomente a liberdade crítica – um espaço onde os militantes exponham, sem quaisquer peias, quer as suas opiniões sobre as políticas desenvolvidas pelo Governo socialista, quer aquilo que pensam sobre a prática

interna do PS. Só o respeito pelas opiniões dos militantes, por mais críticas que sejam (sob condições, evidentemente, de serem honestas e construtivas), poderá atraí-los a uma colaboração frutuosa e enriquecedora nas páginas do «Acção Socialista» - colaboração que constituirá sempre um poderoso factor de coesão interna e de mobilização militante. Um jornal do Partido Socialista (que espero continue a ser um pilar insubstituível da democracia portuguesa) não pode ter outra orientação editorial.

Ao assinalar a edição do milésimo número do «Acção Socialista» apraz-me registar que essa tem sido sempre a sua linha de rumo.

Faço votos, pois, para que se mantenha fiel a essa orientação e para que continue a desempenhar, no quadro da democracia portuguesa, a relevante missão de ajudar à emergência de cidadãos informados e conscientes – condição essencial para a defesa e aprofundamento do regime democrático, ou seja, para que possamos ajudar a construir uma democracia onde todos possam viver dignamente.

20 ANOS
1000 EDIÇÕES

Francisco Marcelo Curto



O futuro do «Acção Socialista»

S «Acção Socialista» sempre tem servido para divulgar os temas dominantes no Partido Socialista e os debates que surgem no seio do Partido. Nos últimos tempos a tónica do jornal tem sido a notícia das grandes acções do Governo PS/Nova Maioria por forma quase exclusiva, tendo em conta, o que é verdade, que o debate dentro do PS não se tem manifestado ou não tem sido considerado relevante no Partido.

A acção do Governo é relevante e merecedora de relevo pelo Órgão Oficial do PS nas questões relativas à Educação, à Saúde e, mais recentemente, à crise na Agricultura e aos projectos de legislação laboral, por exemplo, deviam ter sido abordadas não só com o discurso oficial mas também na procura do debate e da previsão de situações futuras.

A questão da evolução da União Europeia é das que merecem reflexão e discussão. Não se vê, como o caminho para o euro, que a UE possa continuar a deliberar serenamente aumentar o emprego e o crescimento económico face aos critérios do Pacto de Estabilidade sem reformar politicamente e democraticamente os seus órgãos principais e de topo. Ou seja, a reforma política da UE é ou devia ser um corolário da adopção da moeda única, sem o que as grandes alterações (alargamento, segurança) se farão ou não segundo critérios intergovernamentais e sem

real participação dos órgãos democráticos nacionais e com a importância evidente do Parlamento Europeu.

Esta questão é condicionante da nossa política interna e a evolução da UE, feita sem reforma institucional, será mera aparência sem solidez ou adesão dos povos interessados. O problema da identidade da esquerda hoje, que trato em artigo enviado à «Vértice» e a pedido desta revista, também não poder ser escamoteado. Terceira Via ou Nova Via para a esquerda democrática? Não podemos é considerar a questão resolvida com as soluções do chamado «socialismo liberal» pelo menos em relação às grandes questões que o opõem ao ultraliberalismo que se destrói a si mesmo como o demonstra a sua recente evolução.

Se queremos pensar o socialismo temos de o fazer pelos nossos meios próprios e não por aproximações ao liberalismo económico ao até mesmo ao keynesianismo mais recente.

Este debate tem o maior interesse para percebermos algumas acções do Governo PS/Nova Maioria e para podermos discordar delas.

O «Acção Socialista» poderia dar voz a algumas destas preocupações? Julgo que sim, se houver vontade e transparência nos métodos a usar, necessariamente renovados em relação aos actuais, no PS e no seu jornal. São estes os meus votos para o futuro do «Acção Socialista».

Iglésias Costal



Convicções e frontalidade

A liberdade é algo, como o ar e a água, que necessitamos para nos sentirmos e estarmos bem connosco e com os outros, quando utilizada com respeito e não ultrapassando as fronteiras da privacidade individual.

Considero que ao longo destes anos o «Acção Socialista» tem mantido as características de um jornal informativo, cultural e de opinião onde a Liberdade de Expressão tem sido a nota dominante.

A política dos tempos actuais tem por vezes sinais de uma metamorfose que poderá ser prejudicial quando as convicções são incompatíveis com interesses inconciliáveis, por exemplo na área do dualismo material e imaterial.

Cada vez mais temos de gerir o comporta-

mento de uma forma efectiva, afectiva e com muita empatia, sob pena de derraparmos para uma conflitualidade que se poderá corporizar no nosso psicológico e alterar interiorizações que poderão afectar o princípio dos princípios. O carácter e a personalidade.

O «Acção Socialista» tem mantido os fundamentos de um jornal com convicções e frontalidade. Sendo o Órgão Oficial do Partido Socialista, Partido a que tenho a honra de pertencer, por aquilo que ele representa no seu programa, espero que continue na senda da *Liberdade de Expressão*, o que dignificará o jornalismo, o Partido e tudo o que representa para uma sociedade onde a palavra felicidade esteja sempre presente.

Joaquim Borges



Vinte anos de luta pelo ideal rosa

Neste vigésimo aniversário do «Acção Socialista» e como seu leitor assíduo quero saudá-los com um carinho muito especial, pela sua luta sincera e esclarecimento político dos seus leitores, tendo um papel importante no desenvolvimento do nosso partido.

Com a clareza e frontalidade, que um órgão da Comunicação Social deve ter, o «Acção Socialista» defendeu sempre os direitos humanos e a liberdade do cidadão ou não fosse o órgão de um partido pluralista como é o nosso.

Nunca enveredou, pelo sectarismo político, o que é de realçar porque só dando a imagem de informar, com realidade, se pode tornar cada vez mais apreciado e renovado.

Temos a esperança de continuar a ser um governo ideal, para todos os portugueses, sendo o «Acção Socialista», no limiar do

século XX e início do século XXI, um dos grandes suportes em defesa de uma vida melhor e mais próspera para Portugal.

Dizia o grande Gedeão «o sonho comanda a vida», nada mais real, porque os portugueses também sonham com uma vida mais próspera e mais humana, nos anos que se avizinham.

O Governo, chefiado por um primeiro-ministro que se chama António Guterres, tem feito um trabalho notável, nestes últimos três anos que muitos dos contestários não foram capazes de fazer em dez. Por isso, os portugueses não sendo tão falhos de memória assim, sabem bem quem defende os seus interesses.

Que nestes vinte anos de «Acção Socialista» não sejam esquecidos os seus ilustres fundadores.

Parabéns para todos os colaboradores deste nobre jornal!

Joel Hasse Ferreira



Uma consciência crítica

O papel do «Acção Socialista» na informação interna do Partido e no fortalecer de uma consciência crítica tem-se revelado imprescindível.

É de elogiar a regularidade com que se processa a sua publicação e a atenção com que a equipa de dirigentes e colaboradores procura assegurar a atempada publicação do principal material informativo (actividades das Secções, Concelhias e Federações), dando ainda o relevo necessário às declarações e posições políticas de governantes, deputados e dirigentes socialistas.

O material opinativo e crítico tem desempenhado um papel de análise e de apoio à formação da consciência política informada dos militantes. Em circunstâncias excepcionais, a própria grande informação nacional foi beber ao «Acção Socialista» posições críticas ou esclarecimentos importantes.

A consciência de que um partido moder-

no, no dealbar do milénio, precisa da capacidade de intervenção informada de todos os militantes alia-se à consciência de que os grandes «media» estão condicionados largamente pela pressão das audiências. Os militantes socialistas precisam assim cada vez mais de elementos de informação, de crítica e de reflexão que lhes permitam nos locais de trabalho, de residência e de convívio, nas estruturas partidárias, autárquicas e associativas, na comunicação social regional, local e nacional, ter a actuação mais adequada que passa não só pelo empenhamento político e pela lucidez de actuação mas também pela leitura informada e crítica da realidade envolvente, englobando o processo de transformação sociais, económicas e políticas em curso.

Neste contexto, haverá que procurar reforçar o papel das órgãos informativos do PS, no âmbito dos quais o «Acção Socialista» desempenha um papel muito especial.

José António Oliveira Dias



O vigésimo aniversário e a milésima edição

Cumpriu-se no mês passado o vigésimo aniversário do «Acção Socialista», e no dia 17 de Dezembro será a milésima edição deste jornal que é o órgão oficial do Partido Socialista.

É pois com natural orgulho que qualquer socialista regista ambas as efemérides, por variadíssimas razões, das quais avultam o serviço partidário, não só do órgão como de todos aqueles que têm tornado possível estas realidades.

Duas vertentes assumem especial acuidade em torno da realidade substantiva que é o «Acção Socialista»: o seu papel e a sua importância no quadro da história política do Partido Socialista.

No que concerne ao seu papel este tem directamente a ver com o tipo de objectivos subjacentes a um órgão oficial qualquer que seja, mas em particular ao Partido Socialista.

Este é um espaço de debate, o qual é e será sempre fomentado pela massa crítica presente entre nós – são os militantes, todos os militantes, que de uma forma ou de outra contribuem para o enriquecimento do debate.

De todos os quadrantes socioprofissionais, os militantes socialistas encontram aqui um espaço privilegiado para debater e esclarecer, questionar e responder, formar e enformar consciências.

Vários têm sido os contributos nesta sede, eu próprio já participei enquanto articulista de opinião, quando entendi ser necessário alertar as consciências socialistas para a eleição de delegados à Associação Nacional de Freguesias.

Apesar de tudo creio não estarem esgotadas as possibilidades de expansão deste órgão de comunicação, porquanto muitos militantes ainda não têm o prazer de regularmente lerem o «Acção Socialista». Não porque nisso não tenham interesse, mas sim porque não tiveram oportunidade de o fazer. Penso, aliás, que se imporá uma campanha de assinaturas do «Acção Socialista» (AS), a qual poderia passar por indexar o preço da mesma à cota anual que se paga ao Partido, e assim garantir a recepção deste órgão a todos os militantes.

E aqui se encontra a segunda vertente – a importância deste órgão. É importante aceder ao AS, porque nos tempos que correm a informação é Poder, e o Poder sem informação reduz-se a uma mão-cheia de nada.

As problemáticas nacionais, regionais ou locais, abordadas no AS têm demonstrado à evidência a mais-valia deste partido em sede de recursos humanos, de valo-

res que não podem ser ignorados, quer pelas áreas em que estão inseridos, quer pela competência técnica que dominam. A mais-valia do Partido Socialista são os seus militantes, e estes podem e devem contribuir para o debate em sede do AS, participando e colaborando, combatendo a passividade e a individualidade.

Se um homem *de per si* nada vale, precisando de integrar-se num colectivo organizado, vultu sociedade, um militante, ainda que convicto dos seus ideais, individualmente não contribuirá para o reforço do Partido.

Todos somos poucos. Mas juntos valemos mais. O AS desde o seu início há duas décadas tem contribuído decisivamente para juntos valermos mais. Apesar de tudo, apesar dos muitos obstáculos, paulatinamente ultrapassados, graças às equipas que por ele têm passado.

Como órgão que veicula a informação, o AS é uma porta aberta a todos os militantes, quantos mais e melhor o militante socialista estiver informado sobre os factos que nos dizem directa e indirectamente respeito, mais poder teremos, melhor nos poderemos defender das adversidades externas, porque aí sim está o nosso inimigo, lá fora, espreitando.

O universo dos militantes é vasto, assim numa perspectiva de *Marketing* Político diria que se poderia segmentar este «mercado». Assumindo a minha condição de eleito local, sempre direi que sendo o Partido Socialista o maior partido autárquico (detendo o maior número de Câmaras, Assembleias Municipais, Juntas e Assembleias de Freguesias) dispõe de uma quantidade considerável de militantes ao serviço das populações eleitos sob a nossa bandeira.

As necessidades de formação e informação, as lacunas e a complexidade das áreas com que diariamente se relacionam, só por si constituem um universo de intervenção também ele vasto, importante para a afirmação do Partido Socialista, como partido de poder.

Por isso, os eleitos, militantes socialistas, assumem um papel preponderante, cuja mensagem para ser veiculada, deverá passar obrigatoriamente pelo AS.

O debate de ideias, de projectos começa por aqui. Mas não só o Poder Local, ao nível da Administração Central, onde somos poder, impõem-se os contributos esclarecedores dos militantes socialistas, para os militantes socialistas.

Afinal, quando algo é contado na primeira pessoa, é como se bebéssemos directamente na fonte, sem ruídos exteriores a interferir na mensagem. Quando mais clara ela for para nós, mais claramente a con-

seguiremos passar aos outros. A história política do Partido Socialista está indissociavelmente ligada ao AS, esses laços, estou certo reforçar-se-ão, não só pela qualidade dos contributos dos militantes socialistas, não só pelas temáticas

pertinentes aí abordadas, até às incómodas por vezes, mas também e sobretudo graças a uma equipa de que tenho o privilégio de conhecer alguns e porque os conheço, concluirei que o AS tem sorte, e nós militantes também, por lá continuarem.

José Barros Moura



Homenagem ao «Acção Socialista»

Não imaginaria, há pouco mais de 10 anos, que viria a escrever no *Acção Socialista*. O mundo mudou e eu próprio mudei entretanto. Tenho encontrado neste jornal, primeiro com o João Almeida Santos, agora com o José Manuel Viegas, um espaço de debate, por vezes com grande profundidade - vejam-se os textos de Habermas - sobre o mundo actual, a esquerda e o futuro do socialismo. Julguei, assim, apropriado, ao escrever sobre o jornal do Partido Socialista, falar sobre um tema actual e de futuro.

A esquerda perante a globalização

O discurso de muita esquerda (e não só do Partido Comunista) sobre a situação política e económica decorrente dos mercados globais e da sociedade de informação, faz lembrar a atitude timorata e defensiva que, historicamente, a esquerda comunista e importantes sectores da direita nacionalista tomaram perante a CEE e a adesão de Portugal.

Perante problemas de uma escala, agora, global essas forças políticas analisam e actuam como se as autoridades nacionais ainda pudessem, só por si, dominar todas as condições de comportamento dos mercados, controlar os fluxos da informação ou oporem-se aos efeitos desses factores no mercado português. No fundo, adoptam a mesma atitude patética de certos suinicultores quando - «feios, porcos e maus» - reduzem a sua postura política ao «caderno reivindicativo» de ... um embargo aos porcos espanhóis, ou passam mesmo à acção directa.

A sua «crítica» da globalização tem o sentido de um *requiem* por um mundo que findou.

Simultaneamente, essas mesmas forças vêem com desconfiança e rejeição o desenvolvimento de autoridades supranacionais, como a União Europeia, com competências de regulação económico-financeira ou instrumentos de referência e de intervenção nos mercados, como é o euro.

Ora, a «globalização» é uma situação nova, que coloca problemas novos. Produz, está a produzir, efeitos negativos, nomeadamente, no plano social. Pode retirar efectividade prática à democracia e aos direitos do ho-

mem - se conduzir a neutralizar o primado da política. Mas, se dominada, é um fenómeno positivo que encerra grandes oportunidades de desenvolvimento técnico-científico, económico, social e humano. Corresponde, em todo o caso, com os seus dramas sociais e humanos, a uma etapa de um processo de desenvolvimento histórico perante o qual a pura e simples condenação se revela tão impotente como o foi a destruição das máquinas pelos operários nos primórdios da maqui-factura. É preciso não ignorar, não ocultar, nem mistificar que esta «revolução cultural» foi determinada precisamente pelo neoliberalismo, pela lógica do capital financeiro e da maximização do lucro, pela imposta «flexibilização» dos mercados e pela desregulação social, pela neutralização do «poder sindical». É preciso dizer brutalmente que dela resultou - em conjugação com o fim, em si próprio positivo, do bloco soviético - o domínio imperial norte-americano. E que esta não é uma «nova ordem mundial» que convenha aos povos ou muito menos que corresponda à ambição de qualquer esquerda digna desse nome.

Mas, posto isto, o projecto não pode ser o de «combater» a globalização, mas antes tomá-la como o quadro em que doravante teremos de actuar e para a qual necessitamos de definir as estratégias, as práticas políticas, as alianças sociais e as formas organizativas que permitam reconstruir uma cidadania, um modelo social baseado na igualdade de oportunidades e impulsionar um desenvolvimento sustentável e justo, nomeadamente, sem o proteccionismo actual contra o mundo subdesenvolvido.

No seu estimulante diálogo, em livro, com Mário Soares, Fernando Henrique Cardoso dá conta desta atitude positiva de pesquisa de caminhos face ao dado novo da globalização. E, já antes, quando aconselhou os intelectuais europeus que simplesmente criticam o Governo brasileiro pela situação dos «Sem-Terra» a baterem-se junto dos Governos europeus pelo fim do proteccionismo e a reforma da PAC (feita à medida da perpetuação de um mundo desigual que condena os camponeses do «terceiro mundo» à miséria).

Porque é preciso agir no mundo global como agimos nas nossas sociedades actuais (ainda que sempre lhes tivéssemos combatido as injustiças). E criar os meca-

nismos com dimensão e poder que se lhe adequem. Essa é a responsabilidade da esquerda.

Novos movimento sociais. Novas alianças políticas (que não excluam nenhuma corrente democrática - socialistas, comunistas, verdes, radicais, ecologistas, liberais, etc.) que, sem os dogmas do passado, aceitem o debate interno de reconstrução de um pensamento ofensivo de transformação social. Uma renovada definição de uma identidade cultural e crítica capaz de fazer frente à mentalidade dominante.

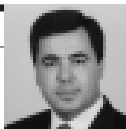
É necessário construir os instrumentos de acção política e as instâncias democráticas de poder supranacional. Não basta dizer mal do FMI. É necessário ter a honestidade intelectual de não ocultar que só o euro - apesar de toda a luta que lhe moveram - criou condições para se poder enun-

ciar com verosimilhança a proposta de uma «refundação do FMI», como o fez brilhantemente Sousa Franco.

E não é suficiente arvorar um humanismo «politicamente correcto» e algumas boas intenções. É tempo de apoiar movimentos por coisas tão concretas como: Será que a maior parte da população mundial vai ter acesso à água para os consumos pessoais e económicos? Como assegurar que no século XXI todos possam ter acesso à água? Ou melhor, como impedir que a água se torne um novo instrumento de diferenciação social e de dependência?

É um bom exemplo. A proposta de Ricardo Petrella - apoiada a nível internacional por Mário Soares - de um «Contrato Mundial da Água» reflecte sobre os efeitos da globalização e procura exactamente agir com novas armas na nova dimensão.

José Conde Rodrigues



Aniversário do «Acção Socialista»

Assinalar um aniversário é sempre ocasião para reflectir e ajuizar sobre o passado e, simultaneamente, reflectir sobre o futuro.

O «Acção Socialista» comemora vinte anos juntando nos parabéns, todos os que, de um modo ou outro, o viram nascer, crescer e o acompanham hoje no seu percurso histórico.

Não é um jornal igual aos outros. Ele procura informar, divulgar acções, iniciativas, que espelham as vantagens do projecto socialista. Informa e forma os militantes do partido, mas também deve, cada vez mais, abrir-se à sociedade civil, criar laços com outras instituições, promover debates sobre a renovação política, numa palavra, manter a chama acesa.

Sabemos que não é fácil manter um jornal em Portugal e muito menos um jornal afecto a um projecto político-partidário, mas a determinação daqueles que o fazem tem superado essas mesmas dificuldades.

Escrevo regularmente para o «Acção Socialista» desde 1993, nessa altura a con-

vide de um grande amigo, João de Almeida Santos, e aplaudo hoje o trabalho profissional e o empenho do José Manuel Viegas na sua coordenação.

Num momento em que o Partido Socialista está no Governo, bem como numa fase em que se vive o regresso da esquerda ao poder, em vários países do mundo, a renovação ideológica, o debate político vai ser determinante. O «Acção Socialista» deve acompanhar e promover esse debate de ideias que ajude a consolidar a prática política do socialismo democrático. Não basta chegar ao poder, é preciso saber mantê-lo, trabalhando de modo diferente para o bem-estar das populações. Respeitar a tradição, mas procurando sempre as novas ideias e projectos, será a via a seguir. Liberdade, oportunidade e responsabilidade constituirá, certamente, o ancoradouro de uma esquerda sempre renovada. Afinal, a nossa tradição é reformista, de movimento, da antecipação do futuro! Parabéns!

20 ANOS 1000 EDIÇÕES

José Manuel dos Santos



Uma página de memórias

Há quinze anos dirigi o «Acção Socialista», era o tempo do governo dito do Bloco Central. Lembro agora esta circunstância da minha vida, porque me chega uma carta a fazer notar que o Órgão Oficial do Partido Socialista faz vinte anos e que, e por coincidência milenarista, a edição que comemora essas duas décadas será, héllás! - a milésima.

Pedem-me, nesta carta, um artigo «sobre o papel e a importância do "Acção Socialista" no contexto da história política do Partido». Parece-me este enunciado o título de uma ambiciosa tese de doutoramento e capítulo imediatamente. Intuo que o «papel e a importância» são tão grandes quanto a minha fragilidade analítico-descretiva, para usar um vocabulário a condizer com o tema que é proposto.

Em vez de analisar, prefiro evocar. De facto, há quinze anos eu estava no «Acção Socialista». A redacção situava-se no Dafundo, naquele edifício enorme, que parecia existir apenas para ser odiado. Eu ia para lá de comboio e olhava o mar como se reconhecesse uma fotografia.

Chegava, - escrevia, fechava páginas, fazia títulos. Nessa altura, cada um desses títulos representava, para mim, uma convicção inabalável - mesmo que afirmasse coisas à época quase inacreditáveis como «Trabalhadores apoiam o Governo», ou mais incríveis ainda como «Na secção do PS da Almirante Reis escolheram-se por unanimidade os candidatos a deputados».

A minha mesa de trabalho presidia, erma e num topo, à sala da redacção. Sobre ela, uma máquina de escrever mecânica e uma tesoura constituíam a ferramenta mais visível.

À direita, o Rui Cartaxana fumava cachimbo e embriava com o revisor, enquanto o Martinho de Castro, numa névoa de fumo, colava os dedos às teclas da máquina.

À esquerda, o Mário Ribeiro paginava e desenhava, ao ritmo das graças que ia dizendo entre dentes, muitas delas com o alvo bem perto. O Vilas Monteiro observava mapas, o Francisco José Oliveira falava ao telefone com os sindicatos (não preciso dizer quais), o Carlos Cartaxana (e mais tarde o Ryder) procuravam fotografias e gravuras num armário de metal, algumas das quais, do género bucólico-lírico - activo (paisagens, crianças, animais, laboratórios, ginásios e estádios) eram surripadas das interessantíssimas publicações de propaganda que as Embaixadas da Europa do Leste e da Ásia nos mandavam, na esperança vã de que uma citação ou uma referência aparecesse no jornal do Partido do Governo, o que, naqueles países de onde nos vinham as revistas, era a consagração mais elevada a que se podia aspirar. A propósito disso, eu observava uma estranha relação que poder ser determinada por uma lei infalível: quanto maior é a ferocidade de uma ditadura mais lírico-bucólica é

a sua propaganda.

À frente da minha secretária, o Pedro Reis, com um ar ainda mais inocente do que a inocência da idade que tinha e com uma serenidade inquietante, cortava e colava comunicados sucessivos em folhas de papel, procedia à marcação minuciosa das maiúsculas e escrevia comentários pouco inocentes. Por meu turno, dedicava-me, com algum deleite, confesso, ao exercício piedoso do neologismo. Quando morria alguém (político, escritor, desportista) dedicava a minha tarde a apurar o lirismo mortuário que, à época, achava mais moderno do que a tradicional épica funerária, em meu entender já caída em desuso.

O meu telefone tocava volta e meia. Eu atendia e escutava sempre uma de duas vozes: a da Maria Emília Tito de Moraes ou a da Osita, que era uma voz vestível e dava acesso à voz de Mário Soares.

O jornal saía todas as semanas, pontualmente, o que não era pequena proeza, atendendo aos meios e aos métodos postos ao nosso dispor. Só tínhamos correio para receber informação. Chegava tudo tarde e a más horas e nós trabalhávamos que nem doidos - o que não era difícil porque, a partir das cinco da tarde do dia do fecho, estávamos de facto doidos.

Como quase tudo o que aconteceu em Portugal nas últimas décadas, o «Acção Socialista» surgiu porque Mário Soares quis que surgisse - e foi o seu projecto jornalístico de maior êxito. Esse êxito ficou a dever-se ao seu fundador e primeiro director, Alfredo Barroso, que tem o hábito de ganhar as coisas importantes em que se mete.

O «Acção Socialista» desse tempo cumpria uma missão arriscada, mesmo para o jornal oficial: defendia o Governo, sobretudo contra os ministros do PSD. De vez em quando, com uma candura que até a mim me impressionava, eu escrevia um editorial e lembrava ao parceiro do PS na coligação que a lealdade era o primeiro dever de uma associação, qualquer que seja a sua espécie, e que a facada nas costas não é um método eficaz de convívio governativo. Não tenho a certeza se o Prof. Cavaco Silva, enquanto esperava a sua vez, era bom leitor destes artigos que visavam a morigeração dos costumes do PSD e, em caso afirmativo, qual a opinião que deles tinha. Se os leu, não foi bom aluno, como, mais tarde, se veio a verificar em todo o esplendor.

Sei, isso sei, que, já com a rodagem do automóvel feita, apareceu numa cimeira, na Rua da Emenda, em que se discutia o fim do Governo PS/PSD, e levou, como prova da falta de cooperação do PS, um número do «Acção Socialista» que tinha publicado, sobre ele, um puríssimo divertimento.

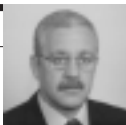
Um dia falarei de outras coisas. Da edição comemorativa do 10º aniversário do 25 de Abril, por exemplo. Por agora, fico-me por aqui. Quanto ao «papel e à importância do

"Acção Socialista" no contexto da história política do partido», talvez Walter Benjamin responda, por mim, com estas palavras: «Para o gigantesco aparelho da vida social, as opiniões são aquilo que o óleo é para as máquinas; ninguém se chega a uma turbina e lhe verte óleo por cima. Injecta-se, sim, uma pequena quantidade em rebites e juntas que têm de ser previamente conhecidas.» Hoje, o PS governa sem a faca apontada de uma coligação. Oxalá que seja por muitos e bons anos. O «Acção Socialista» já não tem, penso eu, que defender o Governo de alguns

dos seus próprios ministros. Pode, por isso, ocupar-se de coisas menos arriscadas e mais alitvas.

Por mim, quando desfolho este jornal, que faz agora vinte anos, tenho saudades do tempo em que ia de comboio para o Dafundo e via o mar como se encontrasse uma fotografia perdida há muito tempo. Com a idade, ficamos com saudades de tudo. E não faz mal: que é a vida senão uma persistente e cada vez maior saudade de nós-mesmos, do que fomos, do que queremos ser ou do que gostaríamos de ter sido?

Luís Malheiro Vilar



A voz dos que se revêm no socialismo democrático

É para mim uma honra poder dirigir-me a todos os socialistas nesta data em que o «Acção Socialista» comemora o seu vigésimo aniversário e a sua milésima edição.

Foi com humildade que aceitei este desafio, uma vez que tendencialmente gosto mais de abraçar as lutas por grandes ideais e convicções do que escrever sobre elas. Humildade própria dos socialistas que amam a Liberdade e a Igualdade e praticam a Fraternidade. Não a humildade dos «sempre em pé» ou do servilismo próprio dos que vivem de...ou para... sem reconhecer que o vazio de ideais mais não é que viver na escuridão.

O «Acção Socialista» tem sido a voz dos que se revêm no socialismo democrático que foi, é e sempre será um pensamento humanista e, por isso mesmo, sempre actual.

Querer perspectivar o futuro, querer uma sociedade mais justa, querer defender o ideário socialista, só é possível se soubermos olhar para trás, para a nossa história, respeitando-a e tentando adaptá-la aos dias de hoje. Se é verdade que as mutações sociais se têm verificado a um ritmo vertiginoso, não é menos verdade que os valores que defendemos no passado são os mesmos de hoje – a igualdade de oportunidades e o combate às assimetrias sociais.

Há que ter a coragem de reconhecer que no PS vivemos, eventualmente, entre duas concepções que podem parecer diferentes, mas que na minha opinião se interligam e complementam – os que terão uma visão mais pragmática e os que terão uma visão mais ideológica.

Para o Partido Socialista as Pessoas estão primeiro e, por isso, pode e deve ser aliado o debate ideológico ao pragmatismo que melhor adapte os nossos valores e os nossos princípios à sociedade portuguesa.

O PS tem de provocar um maior debate interno. Tudo deve ser discutido entre nós, sem qualquer tipo de preconceito, acrescido da obrigação de apoiar, de forma fraterna e inte-

ligente, os nossos camaradas com responsabilidades aos mais diversos níveis do exercício do poder político.

Como em tudo na vida, há um momento de debate e reflexão e um momento de acção sem hesitações. E não podem ser os socialistas a criar problemas uns aos outros, nem travando ou dificultando o debate interno nem dificultando ou criando obstáculos àqueles que no exercício das suas funções têm de agir.

Num passado recente ouvi duas intervenções que se ajustam ao pensamento socialista, nem antigo nem novo, sempre actuais, que tentarei reproduzir.

Cito o Secretário-Geral, Eng. António Guterres, aquando da Comissão Nacional que aprovou os novos Estatutos, em Março deste ano:

«Quando existirem problemas entre nós, quando entendermos que algo está errado, quando nos disserem que um outro camarada nos atacou, não devemos contra-atacar a quente e muito menos através da comunicação social. Deveremos questionar esse camarada, tentar esclarecer a situação e desfazer as intrigas que de imediato se vão gerando.»

«Só vale a pena ser Governo se for para fazer diferente do que combatemos no passado.»

Cito também, aquele por quem todos nós temos um especial carinho e admiração, o Dr. Mário Soares, aquando do jantar comemorativo do 25º Aniversário do PS:

«Como não terá de estar feliz um homem que, tendo sempre lutado por ideais, vê nos mais importantes cargos políticos da sua família socialista – o Jorge Sampaio na Presidência da República, o Almeida Santos na Presidência da Assembleia da República, o António Guterres como Primeiro-Ministro e outros socialistas à frente das principais Câmaras Municipais.»

Desde a sua fundação até hoje o Partido Socialista tem sabido respeitar a sua memória e a sua história. Tem sabido renovar-se, sempre com o respeito mútuo entre os mais velhos e os mais novos.

Por isto mesmo, entendo que é urgente e imprescindível aprofundar e melhorar o relacionamento entre os órgãos dirigentes do PS (nacionais, distritais, concelhios e locais), o Governo e seus serviços descentralizados, os Deputados, os Autarcas e os seus dirigentes associativos. O ano de 1999 está à porta e é preciso gerarmos esta corrente onde os militantes se revejam e possam ser chamados para as batalhas eleitorais que se avizinhm – Europeias e Legislativas. Os Socialistas merecem e os Portugueses precisam de continuar com um Governo saído de eleições ganhas pelo PS, liderado pelo Secretário-Geral, Eng. António Guterres.

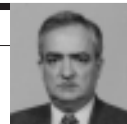
Não quero, não posso nem devo terminar sem uma referência à Federação de Coimbra. Pertenco ao seu Secretariado desde 1992, sob a liderança do Dr. Fausto Correia. De facto, em Coimbra, existe um grande espírito de unidade interna. Todos temos cola-

borado, embora com algumas dificuldades que vamos superando, mas que de todo em todo não são desejáveis e muito menos toleráveis. Mas serio injusto da minha parte não destacar o Fausto Correia que, ao distinguir o essencial do acessório, tem conseguido que o PS/Coimbra esteja na primeira linha do apoio e defesa ao nosso Governo e aos nossos Autarcas, mesmo com os ataques sórdidos que muitos de nós têm sofrido.

Na minha modesta opinião o «Acção Socialista» tem sido um espaço aberto de intervenção plural que desejamos e tem desempenhado um papel fundamental no contexto da história política do Partido Socialista, onde os nossos valores mais queridos são uma constante, em particular a Liberdade.

Para todos quantos trabalham no «Acção Socialista», neste 17 de Dezembro de 1998 (também do meu aniversário), uma palavra simples, mas sentida – Parabéns!

Manuel dos Santos



A nossa boa «Acção»

Sempre que penso no «Acção Socialista» associo a ele a figura amiga do nosso camarada Vítor Constâncio.

Com efeito, o lançamento deste jornal partidário beneficiou em muito da publicação de uma esclarecida entrevista com o referido militante socialista.

Falar, pois, da vida do «Acção Socialista» acaba assim por ser para mim uma oportunidade de recordar o Amigo Vítor que é, seguramente, com o António Guterres, o Mário Soares e o Salgado Zenha, uma das figuras mais marcantes do nosso Partido. É exactamente esse o papel do órgão oficial do Partido: colocar em diálogo e em contacto os socialistas, reproduzir o seu pensamento e opiniões, suscitar o diálogo e quicá a polémica e fazer circular a informação.

Nesta dimensão é o complemento ideal da outra publicação periódica do PS. – o «Portugal Socialista» – hoje mais voltado para a reflexão ideológica ou para a ponderação de factos ou dados com inquestionável ligação à vida do Partido.

Vai já longa a vida do «Acção Socialista» –

vinte anos é um período equivalente a uma geração – e muitos foram, portanto, os testemunhos de que esta publicação foi veí-culo.

A vida do Partido, feita felizmente de grandes sucessos e de alguns momentos menos bons, tem no «Acção Socialista», um testemunho e uma tradução fiéis. Aquilo que mais importa ao quotidiano das organizações e da vida de um militante, está lá registado, centrado e referido. Também em relação à vida do Parlamento o «Acção Socialista» constitui uma fonte inesgotável de informação e um veículo de ligação ao militante e à opinião pública partidária.

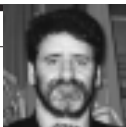
Numa época em que parece ser moda e hábito denegrir o Parlamento, é importante consultar número a número a publicação e aferir do trabalho qualitativo e quantitativo dos deputados socialistas.

Em suma, o «Acção Socialista» é hoje um «amigo», indispensável que, semana a semana, chega a nossa casa e aos locais da nossa militância.

Só por isso é bom que exista, que cresça e que se desenvolva.

20 ANOS 1000 EDIÇÕES

Narciso Miranda



Vinte anos de história

Vinte anos de «Acção Socialista». Vinte anos de informação. Vinte anos de história do PS. Dos anos quentes do pós-25 de Abril, até aos dias de hoje, mil edições feitas de «retalhos» de paixão por ideal. A história do «Acção Socialista» confunde-se com a história do próprio Partido Socialista.

É a história da luta por um Portugal moderno, plural e democrático, no qual todos têm vez e voz. Lado a lado fomos atravessando as derrotas e as vitórias, os momentos de oposição e de governação e as crises de crescimento próprias da vida das instituições.

Uma das grandes virtudes do «Acção Socialista» reside no seu processo de «crescimento», na forma como se soube adaptar às exigências próprias dos tempos. Longe da época da sua fundação em que

o discurso se encontrava, fundamentalmente, voltado para o interior do Partido, em que os ânimos se exaltavam, de forma quase desmedida, na defesa dos ideais. O «Acção Socialista» é agora acima de tudo, tal como o próprio Partido, um espaço de debate e intervenção política aberto à sociedade plural democrática que ajudamos a construir.

De jornal de leitura «obrigatória» e quase exclusiva de militantes, este jornal passou a merecer a inclusão no rol de leituras de muitos dos cidadãos politicamente atentos e informados, independentemente da sua ideologia.

A história política do Partido Socialista é isto, são as incontáveis páginas do seu órgão de informação fazendo chegar a todos as ideias de todos.

À equipa do «Acção Socialista» e a todos quantos por aqui passaram: Parabéns! O mérito é, sem sombra de dúvida, vosso!

Nestor Rebelo Borges

Portugal está a mudar

Após a comemoração dos 25 anos do Partido Socialista e completados que estão 24 de regime democrático em Portugal, orgulhamo-nos por, no mesmo ano, celebrar o vigésimo aniversário e a milésima edição do «Acção Socialista». E se 20 anos são quase nada no relógio da História, é certamente tempo suficiente para uma interpretação acabada acerca do papel da importância deste periódico, no contexto da história política do Partido, quer ao nível da tradição cultural, repleta de realizações e êxitos, quer ao nível da informação e formação política moderna identificadas com os princípios e valores do nosso Partido.

O PS foi fundado nos últimos anos do regime autoritário e contou com o apoio da Internacional Socialista, numa época de plena ascensão da esquerda e do esquerdismo na Europa. A conjuntura que envolveu o 25 de Abril obrigou-o a uma certa radicalização interna. Reuniu então umas dezenas de quadros e militantes e já contava com milhares de simpatizantes.

Seguem-se momentos de afirmação, organização interna e clarificação ideológica que resultam na primazia das eleições constituintes de 1975 e na condução do Governo em 1976.

A edificação das novas estruturas democráticas e o conjunto de medidas implantadas pelo Partido Socialista foram determinantes para a recuperação económica e financeira do País no ano de 1978, denominado de «milagre económico». No III Congresso Nacional, Mário Soares afirmava que «o PS é

um partido de massas, interclassista, com um imenso eleitorado. Mas como partido dos trabalhadores – e de esquerda – é também um partido de militantes organizados e cada vez o deve ser mais».

Foi nesta atmosfera que nasceu o «Acção Socialista».

O PS viria a ter o contributo importante deste órgão para, enquanto partido da oposição, transmitir um discurso inovador e reflectido em perfeita consonância com a proposta «PS para os Anos 80: Dez Anos para Mudar Portugal».

O «Acção Socialista» desempenha uma acção histórica. Não emanou dos escombros da censura que durou mais de 40 anos, nem como a resposta à pressão popular no sentido do sensacionalismo e das concessões fáceis ditadas por motivos comerciais, nem tão-pouco por solicitação do público elitista cada vez mais exigente e requintado, em finais da década de 70.

Foi e é, inquestionavelmente, um meio determinante para criar um mobilismo informativo. A memória histórica mediata e imediata da nossa gente resulta, assim, das mil edições que correram num papel em torno dos valores como Liberdade, Paz, Igualdade e Progresso. É um produto da acção dos socialistas, um produto político, social e cultural, obra do surto do pensamento que ganha mais importância ao rasgar o caminho da intervenção humana consciente e livre. Com o «Acção Socialista» narraram-se verdadeiros acontecimentos, apagando-se os falsos, cultivou-se o alfabetismo e semouse a vida. Este longo e vivo caminho de in-

formação dos factos, das experiências e das ideias integram-se no espírito e na história do Partido Socialista.

É a voz dos militantes. É preciso que os militantes possam «falar», exprimir por todos os meios o que o seu coração encerra. É a voz do Partido. O mais rico em lições políticas e em exemplos de conduta individual e colectiva, reflexo dos nossos governos, de onde se extraem ensinamentos fecundos.

Na base de todos os êxitos que assinalam a marcha vitoriosa do «Acção Socialista» encontramos a determinação, a inteligência, o carácter e a vontade dos socialistas presos à mesma argila milenária e que intervêm nos momentos cruciais das grandes viragens históricas, protagonizadas com convicção, espírito de sacrifício e ajuda mútua.

O «Acção Socialista» é pedagógico. Damos conta que o regime socialista construído no nosso País criou novas condições de vida para as mulheres, jovens e homens e que lhes impõem novos deveres.

Percorrendo as várias edições, num traço característico da teoria socialista do homem, constatamos na acção de que ele, enquanto condicionado pela natureza e pela história, está sempre em condições de superar a realidade existente, para criar uma nova realidade. O socialismo não é apenas uma realidade actualizada com também uma esperança racional de poder transformar essa realidade, no sentido da preparação de novos militantes que participem activamente na vida política do partido e no sentido de acelerar o ritmo do aperfeiçoamento das condições e das estruturas, na possibilidade de criar verdadeiras perspectivas para um desenvolvimento humano universal.

Sinal inequívoco de profissionalismo, competência e lealdade, o «Acção Socialista» é também um jornal de instrução política. Aber-

to à opinião e expressão livre, as diversas secções dão-nos a conhecer factos, acontecimentos, ideias, iniciativas, actividades... que compõem e constroem as longas páginas da história e da vida do PS.

Depois de tantos escritos diários, semanários, que abusam da paciência pública, já tão cansada, o «Acção Socialista» publica-se como correctivo à impostura e descompostura – divisa seguida por alguns periódicos e pela própria oposição.

O «Acção Socialista» reveste-se cada vez mais de um enorme interesse, transborda confiança aos seus fiéis leitores, pois absorve documentação bem fundamentada, e sobretudo bem dirigida.

Unanimidade de sentimentos, estabilidade, uniformidade de opinião são características sempre presentes e que constituem promoção política para o partido.

Esta coordenação entre o PS e o «Acção Socialista» torna o jornal diferente.

Um partido não é uma comunidade, mas sim um conjunto de comunidades, uma reunião de pequenos grupos disseminados pelo País - secções, associações... - ligadas por uma instituição coordenadora.

Por seu turno a liberdade de expressão é a mais elementar e vital das condições para podermos falar em democracia. A liberdade de expressão é ao mesmo tempo o pressuposto da formação e da formulação da vontade política do partido e mesmo do seu espírito.

Esta é a realidade do «Acção Socialista» em claras e seguras sintonias com o partido. As páginas da história estão registadas para a eternidade, o que nos permite encarar com optimismo e determinação o aproximar do novo século e milénio.

Parabéns «Acção Socialista». Parabéns Partido Socialista.

Viva o PS. Viva Portugal.

Rodolfo Crespo



O traço de união entre socialistas

O «Acção Socialista» foi buscar o seu nome às raízes do Partido Socialista – a Acção Socialista Portuguesa. Nasceu para ser o traço de união entre os militantes, «uma tribuna de combate» como o definiu Mário Soares mas, passados vinte anos, é mais do que isso, é já um repositório histórico. Como fazer e interpretar a História dos últimos vinte anos da nossa democracia sem recorrer ao «Acção Socialista» onde se espelham as posições e o combate de um dos seus maiores intervenientes – o Partido Socialista?

Mas se o «Acção Socialista» fez História e constituiu já a memória do Partido, ele permanece um jornal de militantes. É indispensável quando o Partido constrói democraticamente a sua opinião, o que é particularmente visível nos períodos pré-congresso. Nele se espraiam e a ele têm acesso livremente os militantes – é a expressão da

democracia interna e a prática de liberdade que é indissociável do socialismo que defendemos.

O nosso combate não é porém solitário. No seio da Internacional Socialista os partidos irmãos defendem os mesmos ideais. E é nas páginas do «Acção Socialista», atento, que seguimos esse combate, como seguimos o debate de ideias do movimento socialista internacional. O que é particularmente importante quando estamos a construir a União Europeia.

O «Acção Socialista» foi, é e continuará a ser um instrumento essencial de militância. É o nosso veículo de diálogo num partido em que não há verdades com V grande, mas em que cada um de nós contribui todos os dias para fazer a opinião do Partido. Por isso os socialistas sentem que o órgão oficial do Partido não é apenas da direcção do partido, mas de cada um dos militantes, individualmente. É o seu jornal.